

**ANÁLISE ESTRUTURAL DA NARRATIVA DE TODOROV
EM UM CÓDICE MEDIEVAL DE 1047**

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima (UFMT)

carolakie@yahoo.com.br

Leandro Duarte Rust (UFMT)

leandroduarterust@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, pretendo apresentar uma análise da estrutura narrativa presente no códice iluminado *Commentarium in Apocalipsin*, escrito em 1047, em letra visigótica, em latim eclesiástico, por um monge hispânico a pedido dos reis de Leão e Castela, Fernando I e D. Sancha. Nossa análise tem como instrumento teórico a análise estrutural da narrativa de Tzvetan Todorov. Este trabalho é parte integrante da nossa pesquisa de doutoramento que está em curso, sendo nosso objeto de pesquisa o referido códice. Para este trabalho, utilizamos um dos fólhos que representam as tábuas genealógicas da ascendência de Jesus Cristo. Nossa análise se preocupa em demonstrar as características da narrativa presentes nas tábuas genealógicas, cuja estrutura textual se apresenta de forma não linear. Para que pudéssemos realizar a análise, criamos uma metodologia para a transcrição afim de que o leitor pudesse seguir a sequência textual das genealogias. Tal metodologia foi baseada nas normas para transcrição e edição de manuscritos prescritas por Megale e Cambraia (1999).

Palavras-chave: Estrutura narrativa. Códice iluminado. Tábuas genealógicas.

I. Apresentação

Para este trabalho, nos baseamos na análise estrutural da narrativa de Tzvetan Todorov (1970; 1972; 1977) e na metodologia de transcrição e edição de manuscritos postulada por Megale e Cambraia (1999) da qual fizemos algumas adaptações para que fosse possível a edição do texto não linear como foi o caso do texto contido na tábua genealógica de Jesus Cristo selecionada para este trabalho.

O códice que é nosso objeto de pesquisa foi escrito pelo monge Beato de Liébana que redigiu a obra *Commentarium in Apocalipsin* em um monastério cântabro construído antes do século VII. Atualmente, conhecido como Santo Toribio de Liébana, situado no município de Camaleão, onde há uma igreja gótica construída em 1256, que conserva os portais românicos e o maior fragmento da cruz de Cristo. Lembramos que tanto o texto escrito quanto suas inúmeras iluminuras contribuíram de forma efetiva para a formação de uma leitura do texto bíblico Apocalipse, último livro do Novo Testamento da Bíblia Cristã. Nosso trabalho

se concentra numa das cópias do códice que foi encomendada em 1047, pelo Rei Fernando I e sua rainha D. Sancha. A importância desse texto escrito pelo Beato se dá por ter marcado profunda e duradouramente a cultura eclesiástica medieval, notadamente da Península Ibérica.

2. *Objetivo*

O objetivo central deste trabalho é demonstrar através da teoria de Tzvetan Todorov, algumas características da estrutura narrativa presentes nas tábuas genealógicas de Jesus Cristo do códice iluminado *Commentarium in Apocalipsin* (1047).

3. *Metodologia*

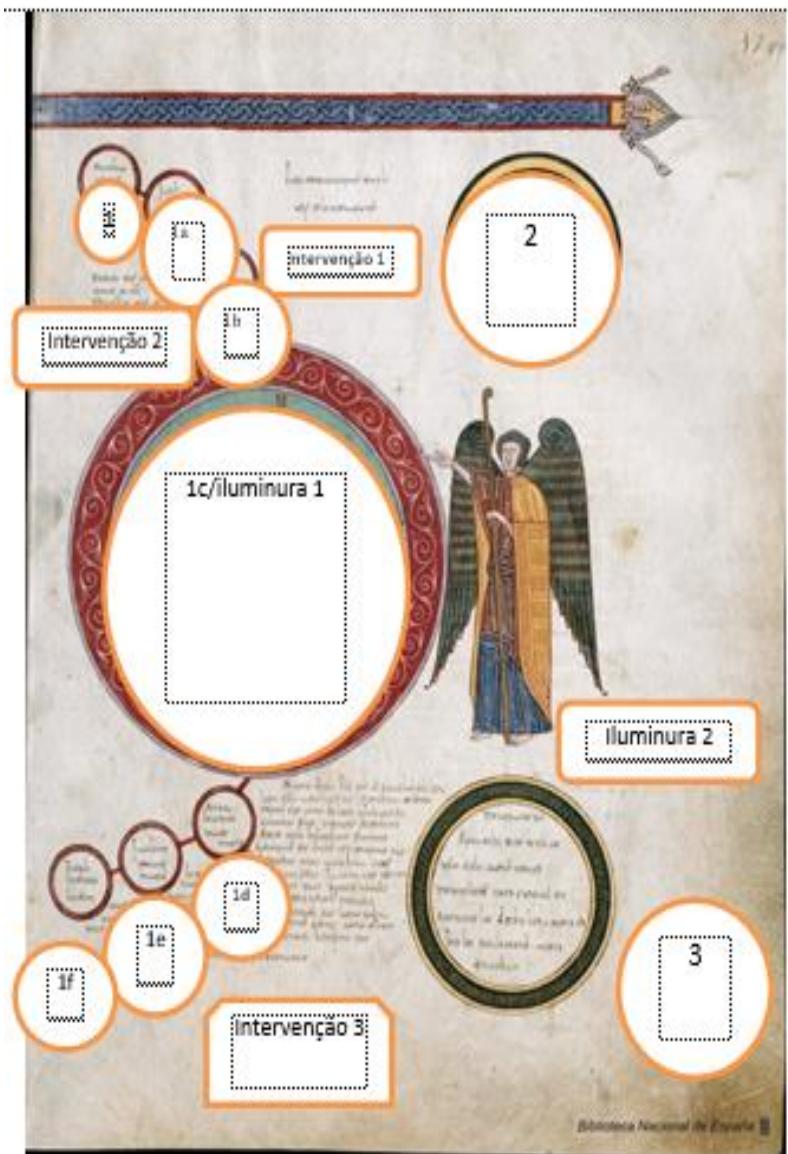
Para este trabalho, adotamos a análise teórica da narrativa postulada por Tzvetan Todorov, nos detivemos na descrição, transcrição e edição de apenas uma narrativa contida em uma das 24 tábuas, a última tábua que está na página 33, fôlho 17r do códice e que contém a genealogia de Jesus, encontrada em Lc:2.11; Mt:1.

Para a edição apresentada, adaptada das normas para edição de texto manuscrito postulada por Megale e Cambraia, apresentamos a seguinte metodologia: para a edição do manuscrito, no caso das tábuas genealógicas, adotamos a indicação de número-letra para indicar a sequência genealógica, tendo em vista a disposição do conteúdo que não é justalinear; desmembramento das fronteiras de palavras que se encontravam unidas no manuscrito; chamou-se de ‘intervenção’ o texto que se encontra fora do conjunto das genealogias, portanto, fora dos círculos; desmembramento das abreviaturas; sistema de indicação de fim de linha com barra inclinada [/]; fidedignidade às maiúsculas e minúsculas em início de palavra de acordo com o manuscrito; no caso da edição do texto manuscrito em escrita visigótica, em latim eclesiástico, optou-se pela tradução modernizada, buscando referências nos antropônimos e topônimos apresentados na Bíblia de Jerusalém; a edição está disposta no formato latim [Lt] > português [Pt].

Ficha codicológica
<i>Commentarium in Apocalipsin</i> . Beato de Liébana – Códice de Fernando I e D. Sancha. Madri, Biblioteca Nacional, Ms. Vitr. 14-2 (olim B.31); San Isidoro at León, 1047, escrito pelo escriba Facundus, para o Rei Fernando I de Castela e Leão, códice conhecido como Beato J (= J), página 33/fôlho 17r.



Biblioteca Nacional de España



Edição e tradução:

Página 33/fólio 17r – Genealogia de Jesus, em Lc:2.11; Mt:1.

[Lt][Intervenção 1] *Post reurationem templi/ usque ad Incarnationem/ [xpi] (christi) anni/ [d] (de) [x] (10);*

[Pt][Intervenção 1] Depois da restauração do templo até próximo a encarnação de Cristo no ano 10.

[Lt](1) *Mathan/ genuit/ Iacob; (1a) jacob/ genuit/ Ioseph; (1c) Joseph/ dispondit mariam/ uirginem;*

[Pt](1) Matã gerou Jacó. (1a) Jacó gerou José. (1c) José desposou a virgem Maria.

[Lt][Intervenção 2] *De adam usque ad [dd]? genera/ tiones [xxiii]^{os}?:/ De nathan usque ad [xpm] (Christum)/ generationes [xxui]?:/ Fiunt sub uno de adam usque/ ad [xpm] (Christum) generationes/ [2xxa] (40^o)*

[Pt][Intervenção 2] De Adão até as 24 gerações, de Natã até Cristo e as 26 gerações, foram feitas sob um único Adão até a quadragésima geração de Cristo.

[Lt](1c/ Iluminura 1 – *Maria e Menino Jesus ao seu colo*) *Colligitur omne/ tempus ab adam/ usque ad/ anni [u][c2uiiii] ; (Iluminura 2 – Anjo anunciador)*

[Pt](1c/Iluminura 1) Todos ligados no tempo de Adão até o quinto ano do ano de 129.

(Iluminura 2) O anjo

[Lt](1d) *Anna/ Ioachim/ mater/ mariae; (1e) Joachim/ genuit/ mariam; (1f) Joseph/ genuit/ Ioachim;*

[Pt](1d) Ana e Joaquim, mãe de Maria. (1e) Joaquim gerou Maria. (1f) José gerou Joaquim.

[Lt][Intervenção 3] *maria de qua [Ihs] (Ihesus) [xps] (christus) di filius In bethlem/ lude [scdm] (sacerdotem) carnem [sanctus] est: et tricesimo et enim/ etatis sue anno expleto: a Iohannem/ babtista filia zacarie sacerdotis/ de uice In Iordane flumine babtizadus est In diem apparitionis suae:/ In de sequenti anno mirabilia queque/ In auangelio scripta sunt fecit: In anno uero [xxxoii] (32^o)/ natiuitatis sue discipulos suos diuimis Inbuens/ sacramentis Imperat ut uniuersis gentibus predicent/ confessionem ad [dm] (domino): Tricesimo auum et tertio etatis sue anno [scdm] (sacerdotem)/ prophetas qui de eo fuerant pro locute ad passionem uenit anno tyberii/ [xxiii] (24) Patiens que [nra] (nostra) sunt auferens ob probrium beneficio suo/ et gratie sue splendore nos radiauit;*

[Pt][Intervenção 3] Maria da qual Jesus Cristo, filho de Belém, foi sacerdote judeu cuja carne é santa. É o trigésimo na verdade pela sua idade completa, por João Batista, filho do sacerdote Zacarias, da vez em que foi batizado no rio Jordão, no dia da sua aparição, e no subseqüente ano da maravilha que está escrito no evangelho. No 32º ano da natividade de seus discípulos, do seu di-

vino sacramento, impera a confissão ao senhor. Os anciãos de terceira idade foram os profetas e sacerdotes que destes foram por Tibério, em seu próprio benefício e graça.

[Lt](2) *Sicut lucas euangelista/ per nathan ad mariam originem ducit/ Ita et mattheus euangelista per solomo/ nem ad Ioseph originem demonstra/ uit Id est ex tribu Iuda.*

[Pt](2) Seja Lucas evangelista por Natã e por Maria a origem dos chefes, e por Matheus evangelista e por Salomão até José demonstrava a origem da tribo de Judá.

[Lt](3) *Ut apparet eos/ de una tribu ex ire et sic ad/ [xpm] (Chrsitum) [scdm] (sacerdotem) carnem uenire:/ ut compleretur quod scriptum est:/ ecce uicit leo de tribu Iuda radix [dd]/ Id eo leo ex salomonem radix/ ex nathan:*

[Pt](3) Prepara aqueles de uma tribo a ir deste modo perto do Sacerdote Cristo e que venha sua carne e complete o que está escrito. Eis que viu o leão da tribo de Judá, a raiz do senhor e este leão de Salomão, a raiz de Natã.

4. Análise de dados

Este códice foi encomendado em um momento em que os reinos cristãos da Península Ibérica travavam disputas territoriais, políticas e religiosas com muçulmanos e judeus.

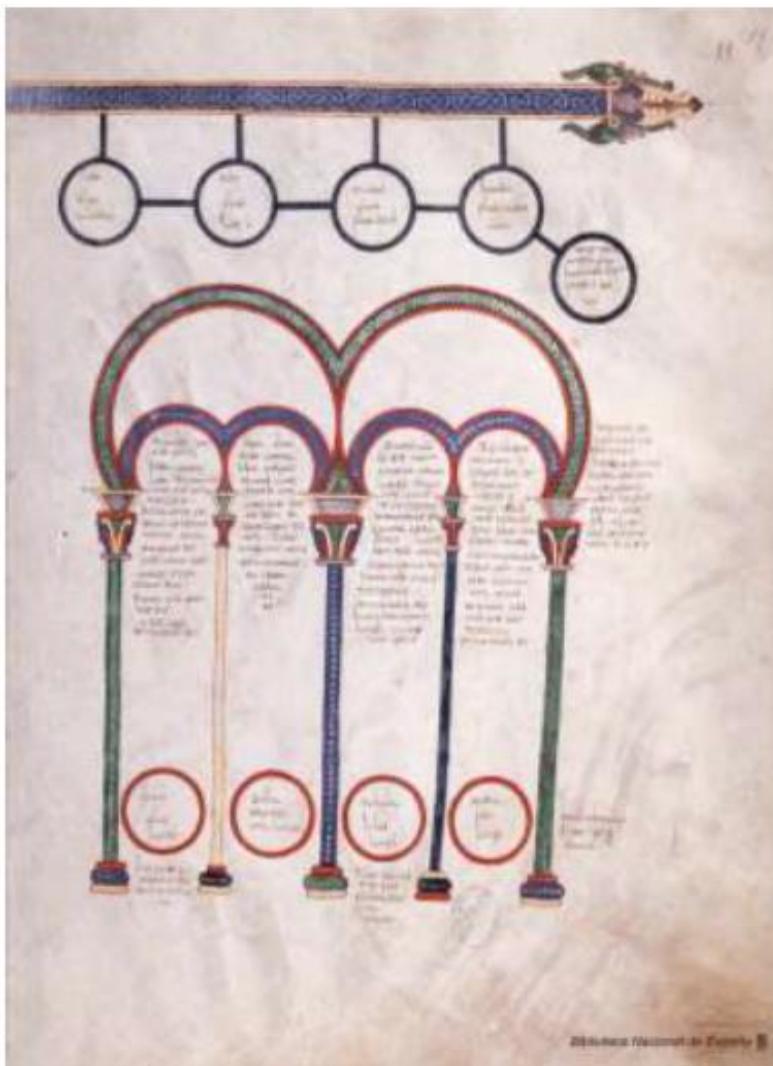
A análise feita, no que se refere à leitura e transcrição do códice, como parte integrante da nossa pesquisa de doutorado, nos fez perceber que o texto do *Commentarium in Apocalipsin* (1047) não apresenta nenhuma menção literal aos muçulmanos.

Creemos que este texto siga a mesma estrutura narrativa do último livro revelado da Bíblia Sagrada e por este motivo essa referência não caberia em sua estrutura escrita.

Quando me refiro à estrutura narrativa analisada, levo em consideração o que postula Tzvetan Todorov (1972, p. 231-232) acerca da narrativa como discurso, “de que a história em questão não pertence à vida, mas a esse universo imaginário que só conhecemos através do livro”, no nosso caso a narrativa contida no “códice”. Assim, o autor considera “a narrativa unicamente enquanto discurso, fala (*parole*) real dirigida pelo narrador ao leitor”.

Na narrativa descrita na página 33/fólio 17r, o que encontramos é a vasta menção à genealogia de Jesus que nasceu de Maria. A menção aos muçulmanos, pudemos perceber, se faz pela alegoria das iluminuras, ou seja, em seus adornos, e de inúmeras outras imagens que se apresen-

tam com tais características muçulmanas. Ainda, pudemos perceber essas mesmas características na arquitetura dos templos que estão dispostos no códice, o que se pode notar na iluminura a seguir que contém características arquitetônicas islâmicas.



Commentarium in Apocalipsin (1047) códice de Fernando I e D. Sancha – fólho 11r.

Entendemos alegoria como um discurso, que de acordo com Du Marsais, citado por Tzvetan Todorov (1977, p. 85)

é, primeiro apresentado como sentido próprio, que parece uma coisa completamente diferente daquela que pretendemos fazer entender, e que, no entanto, não serve senão de comparação para dar a entender um outro sentido que não exprimimos. [...] Na alegoria todas as palavras têm primeiro um sentido figurado: quer dizer, todas as palavras de uma frase ou de um discurso alegórico formam primeiro, um sentido literal que não é aquele que desejamos dar a entender.

O que nos leva ao raciocínio de que a omissão literal aos muçulmanos possa ter sido proposital pelo fato de que estes não mereceriam destaque em um documento que leva a marca simbólica e ideológica do cristianismo, tendo em vista a crença muçulmana no Islã.

Analizamos as iluminuras tendo como base a teoria semiótica apresentada por Tzvetan Todorov (1977, p. 15) que nos auxilia a compreender

o fato de analisarmos utilizando um discurso cujo objeto é o conhecimento (e não a beleza poética ou a pura especulação) e o fato de o seu objeto ser constituído por signos de espécies diferentes (e não unicamente por palavras, por exemplo).

Tzvetan Todorov (1977, p. 40) também afirma que havia uma “doutrina do simbolismo universal” que se mostra como uma característica dominante da tradição medieval, o que pode ser observado no códice do Beato de Liébana (1047) em suas iluminuras. Para exprimir tais características o autor apresenta o seguinte esquema do qual podemos correlacionar com o nosso objeto de estudo:

Estrutura da Doutrina do Simbolismo Universal de Todorov
poder divino> saber imanente> verbo interior> verbo exterior pensado > verbo exterior proferido
Igreja> o códice (1047)> o texto escrito e as iluminuras > a interpretação> o uso do códice

No que diz respeito ao contexto em que o códice foi encomendado (1047), há o fato de que, se a guerra por poder e posses de terras contra os muçulmanos era um problema que estava sendo combatido, tanto no sentido político, econômico, quanto religioso. Ainda havia outro grupo a ser combatido, os judeus. Mas com estes, possivelmente a guerra teve que ser feita de outra maneira, talvez uma guerra "ideológica" e a hipótese que tento defender pode seguir a linha de raciocínio de que, o códice *Commentarium in Apocalipsin* (1047) também tenha servido como elemento de persuasão para o povo cristão contra os judeus, de uma forma

que estes passassem a ser vistos como *personas non gratas* no meio cristão, posto que o referido códice desenvolve o tema da pregação e seu material teológico serviria de apoio à liturgia da época e o que ainda impressiona é a riqueza das iluminuras apresentadas no códice.

Ao tentar compreender o poder simbólico legado pelo *Commentarium in Apocalipsin (1047)*, levamos em consideração que ‘o simbólico’ de acordo com Tzvetan Todorov (1977, p.16-8) não é apenas o que postulam as palavras, assim “o símbolo é definido como sendo mais lato que a palavra”.

Lembrando que os símbolos dos quais se servem o *Commentarium in Apocalipsin (1047)* são formas que retratam símbolos cristãos, mas que por vezes insinuam símbolos judaicos e muçulmanos, muito bem representados nos adornos das iluminuras, nas representações das igrejas com arquitetura islâmica.

Não podemos interpretar que estas representações seriam ingênuas ou simples adornos para colorir o códice, pois o texto, em latim, língua da Igreja, unido ao texto visual que as iluminuras apresentam convertem o documento a um elemento simbólico da Igreja. O que quero dizer aqui é que apesar de alguns elementos judaicos e muçulmanos aparecerem nas iluminuras o que de fato se sobrepõe a elas é a linguagem verbal do texto, suprimindo, oprimindo e persuadindo os não cristãos pela palavra, pelo verbo.

De acordo com Tzvetan Todorov (1977, p.293)

As criações simbólicas são sempre involuntárias. Os símbolos nunca são, como qualquer espécie de signo, senão o resultado de uma evolução que criou uma relação involuntária entre as coisas: eles não se inventam nem se impõem no próprio momento. Não sendo intencionais, é difícil existirem símbolos.

Nossa interpretação segue a hipótese de que o Beato de Liébana tenha se utilizado do Evangelho de Mateus para a constituição das tábuas genealógicas de Cristo, pois ao longo de sua exposição muitas semelhanças podem ser observadas, como por exemplo, o fato de não iniciar com José, mas sim com Aran cuja ascendência é de Maria, reafirmando sua ascendência nobre e finaliza com a genealogia de José, pai adotivo de Jesus. Percebe-se também que as tábuas apresentam no seu interior uma narrativa no que se referem às famílias e seus ascendentes e descendentes.

Narrativas estas que são analisadas de acordo com Tzvetan Todorov (2004, p.59) no sentido de que a estrutura narrativa “pode estar mani-

festada tanto nas relações entre as personagens, quanto nos diferentes estilos de narrativa”, pois o códice apresenta diferentes estruturas que estão dispostas tanto no interior das genealogias quanto nos textos que apresentam o comentário ao Apocalipse.

A descrição das tábuas genealógicas de Cristo apresentadas pelo Beato de Liébana, nos fez chegar à interpretação que os Evangelhos de Mateus e Lucas partem da genealogia de Cristo desde Adão e Eva aos seus descendentes e de José e Maria e seus descendentes.

Apresento, a seguir, para que o leitor tenha uma noção da narrativa das tábuas, a descrição do conteúdo literal das tábuas que estão dispostas no início do *Commentarium in Apocalipsin* (1047).

No que se refere ao conteúdo das tábuas e sua referência aos livros bíblicos, no caso, nos baseamos na Bíblia de Jerusalém para melhor determinar os topônimos e antropônimos.

Eis as Tábuas genealógicas de Cristo e das Tribos de Judá:

Página 1/fólio 1r – apresenta a genealogia de Judá e sua esposa, Tamar, sendo Judá filho de Jacó temos aqui os antepassados de Maria, mãe biológica de Jesus, sendo estes pertencentes à tribo de Judá, em Gn:38.

Página 2/fólio 1v – apresenta a genealogia de Davi e Betsabá e os antepassados de José, em Cr:3.1-24, a casa de Davi.

Página 3/fólio 2r – apresenta a genealogia de Ismael, filho de Abraão e Hagar, em Gn:25.1-27.

Página 4/fólio 2v – apresenta a genealogia de Isaac, ciclo de Isaac e Jacó, as mulheres e filhos de Esaú em Canaã, em Gn:25.9; Gn:25.19-27; Gn:36.15-20.

Página 5/fólio 3r – apresenta a genealogia de Ruben, filho de Jacó e Lia, descendente dos reis dos judeus, em Gn:29.32-35; Gn:30.18-20.

Página 6/fólio 3v – genealogia de Jacó e Raquel, em Gn:30.22-25; Gn:41.45.

Página 7/fólio 4r – tábua dos reis dos Reis de Judá e dos Reis de Israel, em 1Rs:13.33, em 1Cr nos registros genealógicos, Cr:3.1-10.

Página 8/fólio 4v – genealogia da descendência de Davi, em 1Rs:3.10-19; 2Cr:29.1-17, e nos Livros Proféticos, em Jeremias.

Página 9/fólio 5r – genealogia de Seth, filho de Adão e Eva, em 1Cr:1.1-54; Gn:4.1-26; Gn:5.1-32.

Página 10/fólio 5v – genealogia da posteridade de Noé, genealogia de Jafé, filho de Noé, em Gn:9.18-28; Gn:10.1-32.

Vejamus que o que nos mostra o códice até este fólio é uma sequência genealógica da ascendência nobre de José e Maria que, portanto,

derivará a nobilidade a Jesus. Devemos nos concentrar no fato de que esta tradição nobre nos leva à tradição régia ligada à sucessão do trono leonês e castelhano que representa, neste nosso estudo, a sucessão do reinado de Fernando I e D. Sancha (1037-1065). Estaria aqui, uma alegoria da nobilidade representada pelos reis, um símbolo de nobreza e poder que pode ser visto por meio de genealogias sagradas e consagradas pela Bíblia.

Como alegoria, entendemos, de acordo com Tzvetan Todorov (1977, p. 87), que “a alegoria é o próprio pensamento que não deve ser tomado por aquilo que parece ser” e que, portanto, “se insiste na presença de dois sentidos” que devem ser entendidos através das tábuas como uma alegoria da nobilidade e poder régio dos reis cristãos, Fernando I e D. Sancha.

Nesse sentido, consideramos, assim como Tzvetan Todorov (1977, p. 210) o par símbolo-alegoria como complementares, sendo “o símbolo um produtor, intransitivo, motivado” que “realiza a fusão dos contrários e exprime o indizível” e em contraste a alegoria, “transitiva, arbitrária, simples significação, expressão da razão”.

Na sequência das tábuas genealógicas, da página 11 até a página 19, do códice, o Beato de Liébana nos apresenta uma série de iluminuras de página inteira, mas em seu interior podemos perceber uma narrativa que segue a linha da estrutura narrativa das tábuas e que perpassa as iluminuras. Portanto, temos:

Página 11/fólio 6r – iluminura, Jesus ao centro do símbolo alfa, que significa o início, segurando o símbolo do ômega, que significa o fim. Entendendo-se disto, “Eu sou o Alfa e o Ômega”, o princípio e o fim, expressão pertencente ao texto do Apocalipse, da Bíblia Sagrada.

Página 12/fólio 6v – iluminura, uma cruz com as palavras “pax”, “lux”, “rex” e “lex”, acima e abaixo da cruz e pendurada nas hastes da cruz, os símbolos alfa e ômega, abaixo da cruz, temos o cordeiro ladeado por três monges à esquerda e três à direita. E ainda, temos pendurados na haste da cruz, à esquerda o símbolo “A” que significa “alfa” e à direita, o símbolo “W” que significa “ômega”, sendo interpretados como “Eu sou o alfa e o ômega, o início e o fim”.

Página 13/ fólio 7r – tábua “enigmática” ou tábua “labirinto”, esta tábua representa a apoteose do reinado de Fernando I e D. Sancha, glorificando e enaltecendo-os. De acordo com Sandra Sáenz-López Pérez

(2010, p. 317-334) a tábua/labirinto diz que ambos monarcas foram promotores de tal documento, prova disso é que se pode ler no interior do labirinto as frases: “*Fredenandus rex Dei gra-[tia] m[emo]r[i]a l[ibri]*” e “*Sancia regina m[emo]r[i]a l[ibri]*”.

Página 14/fólio 7v – A iluminura se mostra em forma de portal em arco, adornada com elementos multicoloridos, dividida em dois planos, um superior em que aparece um nuncio, que poderia ser o próprio Beato, no plano inferior, temos dois monges, à esquerda, sentado em um trono, de acordo com a inscrição que vem acima, seria Mateus entregando as tábuas genealógicas de Jesus Cristo a um outro monge que está à direita e em pé. Acima do nuncio, temos a inscrição “*hic matheus genus hominem generaliter implet*”, que pode ser traduzida como “Mateus completa de modo geral este gênero humano”.

Página 15/fólio 8r – A iluminura se mostra em forma de portal em arco, adornada com elementos multicoloridos, dividida em dois planos, um superior em que aparece um anjo, que simboliza Mateus, segurando as tábuas genealógicas de Jesus Cristo, no plano inferior, temos dois anjos segurando as tábuas genealógicas de Jesus Cristo, o anjo da esquerda também segura um cajado. Acima do anjo, temos a inscrição “*liber generationis Iesus Christi filii domino filii abraham*” que pode ser traduzido como “O Livro das gerações de Jesus Cristo, filho do Senhor, filho de Abraão”.

Página 16/fólio 8v – A iluminura se mostra em forma de portal em arco, adornada com elementos multicoloridos, dividida em dois planos, um superior em que aparece o Leão de Marcus segurando o Evangelho, abaixo dois monges segurando o Evangelho, o da esquerda está em pé e o da direita, sentado em um trono com a mão direita elevada com o dedo indicador em direção ao monge à sua frente. Acima do leão, temos “*marcus ut alta fremens uox per deserta leonis*” que pode ser traduzido como “O leão de Marcus faz ressoar em alta voz pelo deserto”.

Página 17/fólio 9r – A iluminura se mostra em forma de portal em arco, adornada com elementos multicoloridos, dividida em dois planos, um superior em que aparece a águia de João segurando o Evangelho, abaixo dois anjos, o da esquerda com a mão esquerda apoiada em um cajado e a mão direita elevada em direção ao anjo da direita que segura as tábuas genealógicas e tem a mão esquerda apoiada em um cajado. Acima do leão alado, temos “*uox clamantis in deserto parate uiam domino*” que pode ser traduzido como “Uma voz que clama no deserto e prepara o

caminho do Senhor”.

Página 18/fólio 9v – A iluminura se mostra em forma de portal em arco, adornada com elementos multicoloridos, dividida em dois planos, um superior em que aparece o touro de Lucas segurando o Evangelho, abaixo dois monges segurando as tábuas genealógicas, o da esquerda em pé e o da direita com a mão direita elevada com o indicador apontando para o monge à sua frente. Acima do touro alado, temos “*is iure sacerdotii lucas tenet ore jubenti*” que pode ser traduzida como “Ordena pela boca da autoridade do sacerdote Lucas”. Abaixo do touro alado, temos “*fuit sacerdos quidam nominem zacarias*” que pode ser traduzida como “Foi ele o certo sacerdote em nome de Zacarias”.

Página 19/fólio 10r – A iluminura se mostra em forma de portal em arco, adornada com elementos multicoloridos, dividida em dois planos, um superior em que aparece a águia de João segurando as tábuas genealógicas de Jesus Cristo, abaixo dois anjos, o da esquerda segura um cajado com a mão esquerda e com a mão direita elevada, aponta o indicador para o anjo à direita que segura a Bíblia com a mão direita e apoia a mão esquerda em um cajado. Acima da águia, temos “*more uolans aquile uerbo petit asta johannes*” que pode ser traduzida como “Pelo costume a águia voa e dirige-se a João”. Abaixo da águia, temos “*in principio erat uerbum/ et deus erat uerbum*” que pode ser traduzida como “No princípio era o verbo e Deus era o verbo”.

Aqui, o códice finaliza uma primeira parte de apresentação de iluminuras e retorna à exposição de tábuas genealógicas que se encerra na página 33 do códice.

O que podemos analisar das iluminuras aqui apresentadas é a importância que tem a palavra cristã, o verbo bíblico, a narrativa bíblica, ou seja, a importância que se dá ao monumento que representam as passagens e as figuras bíblicas como os quatro evangelistas, a figura de Cristo e os símbolos cristãos que remetem à fé, como a cruz, o cordeiro. Estas imagens estariam diretamente ligadas à sacralidade remetida ao trono dos reis em questão, como símbolo da ideologia cristã e dos reis cristãos, Fernando I e D. Sancho.

Nesse sentido, entendemos que a dupla símbolo-alegoria que funciona para estas imagens assim como postula Tzvetan Todorov (1977, p.210), o símbolo como uma produção inconsciente que provoca um trabalho de interpretação infinito e a alegoria com sua carga de intencionalidade e “que pode ser entendida sem remanescente”.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Dando continuidade à descrição das genealogias, temos:

Página 20/fólio 10v – genealogia de Adão e Eva e seus filhos, Seth, Abel e Caim, em Gn:4.1-25; Gn:5.1-32.

Página 21/fólio 11r – continuação da Genealogia de Set filho de Adão e Eva, em Gn:5.15-28; Gn:7.1-24; Gn:8.1-13.

Página 22/fólio 11v – Genealogia da posteridade de Noé, em Gn: 9.1-29; Gn:10.1-32, Cr:1.1-49, Gn:10.1-24; a Bíblia de Jerusalém (2012, p.47) fala sobre “A tábua das nações”, creio que esta passagem bíblica seja muito importante para justificar a presença das tábuas no códice do Beato, pois temos um quadro que representa uma tradição a qual se quer igualar ao reinado de Fernando I, o que serviria para sustentar a hipótese de que advindo de uma tradição tão magistral, a monarquia católica sobrepunha ao poderio muçulmano e a presença judaica na Península Ibérica.

Página 23/fólio 12r – Tábua dos filhos de Sem, filho de Noé – Tábua das Nações, em Gn:10.1-30; Gn:11.10-26; Cr:1.17-24-50; Mt:1.1-17; Lc:3.23-28. Os textos que estão dentro dos pórticos referem-se à Gn:11.10-15; Gn:11.27-32 e Gn:11.16-26.

Página 24/fólio 12v – Tábua dos patriarcas do dilúvio, em Gn:11.10-26 e da descendência de Taré, em Gn:11.27-32; Gn:13.1-18.

Página 25/fólio 13r – Tábua da aliança e circuncisão e da genealogia de Abraão, em Gn:16.1-16; Gn: 17.1-27.

Página 26/fólio 13v – Genealogia de Rebeca, filha de Batuel. Casamento de Isaac. Mulheres e filhos de Esaú, em Canaã, em Gn:24.15-47; Gn:26.34-35; Gn:36.1-24. 2Mc e Jó.

Página 27/fólio 14r – Genealogia dos reis e chefes da terra de Edom, em 1Cr:1.43-54; 1Cr:2.1-17; Gn:25.19-28; Gn:29.32-35; Gn:30.18-20; Gn:36.40-43; Gn:37.1-11.

Página 28/fólio 14v – Genealogia de Jacó e Raquel, em Gen:29.32-35; Gen:30.1-25; Gn:38.1-29; Gn:41.45; Nm:26.59; Ex:2.1-3; Ex:6.14-27; Ex:18.3-4; 1Cr:23 e 1Cr:24.

Página 29/fólio 15r – Genealogia de Judá (filho de Jacó e Lia) e sua esposa, Tamar (era cananéia), em Gn:38; Esposas de Davi, em 1Cr:3; Esposas de Salomão, em 1Re:11.3; Salomão, em 1Cr:29:23; Mt:1.6-7 (descreve os antepassados de José); Natã, em Lc:3.23-31 (descreve os an-

tepassados de Maria); Saul, em At:13.21; 2Sm:2.10.

Página 30/fólio 15v – Genealogia dos reis de Judá, em 2Cr:9.31; 2Cr:12.13; 1Rs:14.21 e dos reis de Israel, em 1Rs:11.3. Livro dos Profetas – Amós, Miquéas.

Página 31/fólio 16r – Genealogia dos reis de Judá, em 2Rs:18.1-2; 2Rs:21.1. Livro dos Profetas – Jeremias.

Página 32/fólio 16v – Tábua de Eliúde, da linhagem de Salomão, em Mt:1.6-7. Quadro sobre os imperadores de Roma. Tábua de José, filho de Eli.

Página 33/fólio 17r – Genealogia de Jesus, em Lc:2.11; Mt:1.

Até aqui, podemos levar em consideração a interpretação de que o Beato utilizou as genealogias de Cristo contidas no Evangelho de Mateus e de Lucas para compor o conteúdo das genealogias que constam nas primeiras 33 primeiras páginas do *Commentarium in Apocalipsin* (1047), que iniciam com a linhagem de Judá e sua segunda esposa, Tamar. O Beato ainda inseriu narrativas que complementam as genealogias com informações no que diz respeito aos povos que viviam em Israel, na época de Cristo e antes dele.

Entendemos por narrativa, tal qual apresenta Tzvetan Todorov (2004, p. 111) quando afirma que “se se trata de uma narrativa, o único aspecto que os interlocutores retêm parece ser o aspecto literal. A palavra-ação é percebida como uma informação, a palavra-narrativa como um discurso”. E nesse sentido, podemos perceber tanto o aspecto literal como o discursivo nas narrativas presentes nas tábuas genealógicas que fazem com que o leitor, de uma forma performativa, reconheça a palavra cristã, no texto.

5. Considerações finais e perspectivas para o trabalho em curso

Apresentei neste trabalho uma análise da estrutura narrativa presente no códice iluminado *Commentarium in Apocalipsin*, escrito em 1047. Nossa análise teve como instrumento teórico a análise estrutural da narrativa de Tzvetan Todorov.

Como este trabalho é parte integrante da nossa pesquisa de doutoramento que está em andamento, não esgotamos aqui, todos os esforços

feitos durante a pesquisa, mas sim, demonstramos apenas uma possibilidade de interpretação da narrativa contida no *corpus* de pesquisa.

Para este trabalho, descrevemos o conteúdo e editamos um dos fôlios que representam as tábuas genealógicas da ascendência de Jesus Cristo, cuja estrutura textual se apresenta de forma não linear.

Para tal demonstramos a metodologia adaptada de Megale e Cambraia para a transcrição e edição de manuscritos antigos a fim de que o leitor pudesse seguir a sequência textual das genealogias.

Para a leitura e compreensão do texto bíblico, nos baseamos na Bíblia de Jerusalém e para a tradução do texto latino, recorremos ao uso do dicionário latino-português. O texto original do códice estudado pode ser encontrado na Biblioteca Digital Hispânica, cujo fac-símile está disponível em PDF e JPG.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA de Jerusalém, São Paulo: Paulus, 2012.

BIBLIOTECA Digital Hispânica. *Catálogos*. Disponível em: <http://www.bne.es/es/Catalogos/BibliotecaDigitalHispanica/Inicio/inde_x.html>.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CAPPELLI, Adriano. *The elements of abbreviation in medieval latin paleogra-phy*. Kansas: Printed in Lawrence, 1982.

ECHEGARAY, Juan González. *Obras completas y complementarias I*. Comentario al Apocalipsis. Himno “O Dei Verbum” Apologético. Madrid: BAC, 2004.

_____. *Obras completas y complementarias II*. Documentos de su entorno histórico y literário. Madrid: BAC, 2004.

Commentarium in Apocalipsin. Beato de Liébana – Códice de Fernando I e D. Sancha. Madri, Biblioteca Nacional, Ms. Vit. 14-2 (olim B.31); San Isidoro at León, 1047, escrito pelo escriba Facundus, para o Rei Fernando I de Castela e Leão, códice conhecido como Beato J (= J).

MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli. Subsídios para uma proposta de normas de edição de textos antigos para estudos linguísticos.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

In: RODRIGUES, Angela Cecília de Souza; ALVES, Ieda Maria; GOLDSTEIN, Norma Seltzer. (Orgs.) *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP, 1999.

SÁENZ-LOPEZ PÉREZ, Sandra. El mundo para una reina: los mappae-mundi de Sancha de León (1013-1067). *Revista Anales de Historia del Arte*, volumen extraordinário, p. 317-334, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis: Vozes, 1972.

_____. *Teorias do símbolo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. Porto: Marânus, 1945.